

DOSSIÊ: Diásporas, Dissidências e Devastações

Organizadoras:

Flávia Souza (Doutora pelo Instituto de Medicina Social/UERJ)

flavia.assis26@yahoo.com.br

Cassiana Rodrigues (Doutoranda do Instituto de Medicina Social/UERJ)

cassi_rodrigues@yahoo.com.br

Kelly Diogo (Doutoranda do Instituto de Medicina Social/UERJ)

k.diogolima@gmail.com

Gabriela Barreto (Doutora pelo Instituto de Medicina Social/UERJ)

gabipb@gmail.com

O colonialismo com seu efeito devastador promove o genocídio dos povos não-brancos. As práticas e corpos dissidentes, no entanto, seguem resistindo enquanto sobrevivem e atravessam o “fim” do mundo branco-colonial como o conhecemos. Mundo este que (re) distribui violências e devastações. Enquanto escrevemos estas linhas o Brasil já não é o mesmo que outrora pôde ser. Em 2019, quando iniciamos os primeiros passos para este dossiê não tínhamos a menor ideia do que viria a ser uma catástrofe sanitária em escala mundial. A palavra PANDEMIA não fazia parte de nosso vocabulário, talvez tivesse feito parte das memórias longínquas de alguns sanitaristas e pesquisadores da saúde.

Brasil, ou brasil, foi o nome dado aos habitantes destas terras ao sul da linha do equador que tinham a pele avermelhada. “Vermelho como uma brasa”, chamaram posteriormente a madeira que tingia, o pau-brasil. Há quem diga que o nome se refira aos povos originários que tinham a pele avermelhada como chama ardente, que reluz como brasa.

Neste exato momento boa parte do nosso bioma, o cerrado, queima. Os incêndios da floresta amazônica aumentaram quase 30% entre 2019 e 2020. Neste exato momento nosso território arde. Nosso povo sucumbe ou pelo fogo, ou pelo descaso das autoridades. Estamos cansadas de arder em chamas. Estamos vivas, apesar das incontáveis vezes que fomos assassinadas por esse cis-tema branco-colonialesco.

O século XXI inicia-se com a revolta da natureza sobre o homem branco. Estamos em risco enquanto espécie. E ainda há aqueles que duvidam da deusa-mãe Terra. A ruptura no espaço-tempo da modernidade que estamos experienciando desde 2019 nos coloca em alerta constante. Precisamos estar atentos a tudo: ao sair de casa, na rua, no trabalho, no supermercado, ao voltar para casa.

Acharam que a grande virada do século teria acontecido em 2001 com os atentados das Torres Gêmeas nos EUA no dia 11 de setembro. Ou, seria em Wuhan, na China, no final de 2019. Para nós, a linearidade do tempo é mais uma convenção criada pelos sistemas econômicos para dar seguimento à dominação. Para os mais atentos, o século XXI já foi e voltou no tempo inúmeras vezes. Iniciou, findou, iniciou novamente, criou dobras e feixes.

E neste movimento estamos assistindo à reconfiguração das fronteiras dos países, e isso se desdobra em novas exigências para o trânsito de pessoas. Imigrantes tornam-se mais uma vez o alvo em potencial, pois podem carregar um vírus letal. Quando escolhemos DEVASTAÇÕES como um dos eixos temáticos jamais imaginávamos que seria algo tão orgânico.

Em Julho/2021 já somam quase 600 mil vidas perdidas para a Covid-19 só no Brasil, e ainda não conseguimos quantificar os traumas causados em todas as esferas da vida ceifadas por esta crise civilizatória. Não podemos confiar em nada, nem em ninguém. A crise moral é também uma ruptura onto-epistemológica (?).

Este Dossiê buscou reunir produções que se propõem a forjar outro pensamento e ação-política, contra colonial, antirracista e anti cisheteronormativa.

A urgência de rompermos com uma ciência estanque que legitima e monopoliza o saber universal, eurocentrado, enquanto oblitera corpos racializados e aqueles que se desviam da ‘normalidade’ das identidades de gênero se mostra a cada dia mais necessária.

Sabemos que os estudos da contra colonialidade vão muito além de um projeto acadêmico. No nosso entendimento, a contra colonialidade consiste também numa prática de oposição e intervenção que surgiu desde quando o primeiro sujeito colonizado reagiu contra os desígnios imperiais do homem branco colonizador.

Por isso, este Dossiê traz a polifonia de corpos que são divergentes daquilo que chamamos de academia hegemônica. Apontar que os textos presentes neste trabalho foram produzidos por **corpos** é fundamental, pois nós, as editoras, acreditamos que o conhecimento é localizado, marcado por estruturas de gênero, raça, classe, sexualidade, território, ou seja, uma infinidade de elementos que atravessam esse corpo-conhecimento e o torna legitimamente capaz de traduzir a experiência e produzir o saber.

Aqui estão reunidos artigos, ensaios e entrevistas que demonstram justamente a necessidade de elaborarmos narrativas que nos permitam, tanto entendermos o mundo em devastação, quanto construirmos um novo caminho. Todavia um novo caminho, não a partir dos escombros deixados pelo colonialismo, mas a partir do resgate daquilo que nos foi arrancado: a nossa própria história.

Assim, um dos temas retratados neste Dossiê é a colonialidade em seus diversos aspectos, representado pelos textos: *A máscara e o que pode ser dito: mecanismos de silenciamento ontem e hoje e as fake news*; *Terrenos - Cantos pra Empestar o Latifúndio do Conhecimento*; *Do delírio racista à insistência negra em viver: uma análise do olhar psicopatológico brasileiro e o esforço descolonial* e; *O Processo de alteridade em “Beyond the pale”, de Rudyard Kipling*.

Apresentamos também um conjunto de produções que versam sobre formas de resistência, são elas: *Um mundo sem devastação é possível: repensar a floresta como conceito, metáfora e espaço compartilhado*; *O cuírlombo da palavra: aquilombamento queer na poesia de Tatiana Nascimento*; e *Decolonialidade se faz Em/Com Quilombo*. Ainda dentro dessa temática, trazemos duas entrevistas, uma intitulada: *Esta simples ferramenta chamada amor: uma entrevista sobre educação antirracista com a ativista Mica Oh* e *Roda de conversa: Resistências em busca da primavera*.

E a última temática concentra-se nos ensaios que denunciam a colonialidade epistêmica e a necessidade de descolonização da produção de conhecimento, são eles: *As três faces da Latinidade: significante, repetição*

e recalque; Notas com imagens fugidias: as armadilhas da temporalidade diaspórica e; Colonialidade e a branquitude: apontamentos para quebra dos pactos de silêncio na saúde.

Enfim, a encruzilhada desse dossiê certamente levará os leitores a perceberem uma infinidade de possibilidades do ‘fazer pensar’ ou dos lugares diversos em que a produção do conhecimento pode emergir - mas que a hegemonia tem historicamente tentado apagar e silenciar. Esse trabalho representa nosso ebó de comportamento para com a nossa ancestralidade e que fazemos questão de arriar no local em que estamos, ou seja, no território da colonialidade epistêmica.

Que o dono do mercado abra os caminhos da mudança e que a academia possa tornar-se o lugar da pluriversalidade e das múltiplas existências/potências.

Laroyê!!!